

PRONOMES E CATEGORIAS VAZIAS EM PORTUGUÊS E NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS, UMA CONVERSA COM SONIA CYRINO

Sonia Maria Lazzarini Cyrino¹

Gabriel de Ávila Othero²

Sonia Maria Lazzarini Cyrino é professora da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e pesquisadora do CNPq. Seus trabalhos sobre o objeto nulo em português e demais línguas românicas são referência na área, desde seu capítulo “Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos”, publicado enquanto ainda era uma doutoranda, no livro de 1993 organizado por Ian Roberts e Mary Kato, *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*³, até trabalhos mais recentes, como o capítulo “Null objects and VP ellipsis”, publicado em co-autoria com Gabriela Matos (Universidade de Lisboa) no manual recentemente organizado por Leo Wetzels, Sergio Menuzzi e João Costa, *The Handbook of Portuguese Linguistics*⁴.

Entre as muitas contribuições dos trabalhos de Sonia, estão certamente sua pesquisa diacrônica com peças teatrais que mapeia o declínio dos clíticos de 3ª pessoa e o aumento da frequência de objetos nulos como estratégias de retomada anafórica de objeto em PB; sua investigação sobre os traços gramaticais dos antecedentes anafóricos que favorecem a retomada pronominal ou por categoria vazia como objeto direto anafórico; sua hierarquia referencial que está por trás de fenômenos de pronominalização envolvendo sujeitos e objetos em várias línguas

¹ Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

³ ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

⁴ WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The handbook of Portuguese linguistics*. Oxford: Blackwell, 2016.

(publicada em artigo com Mary Kato e Maria Eugênia Duarte⁵); seus muitos trabalhos mostrando a distinção entre elipses de VP e objetos nulos propriamente ditos; suas investigações sobre a marcação diferencial de objeto nas línguas românicas; etc. Além disso, Sonia já orientou vinte alunos de IC e já teve treze mestrandos e quatro doutorandos que defenderam sob sua orientação.

OTHERO – Sonia, tua tese “O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico”⁶ foi um trabalho pioneiro sobre o objeto nulo em PB e ainda hoje é um dos textos mais influentes na área. Qual foi a importância desse trabalho na tua trajetória acadêmica, por um lado, e no desenvolvimento de estudos sobre o objeto nulo em PB e em outras línguas românicas, por outro? Como você pode fazer essa avaliação hoje, passados quase 25 anos da publicação do trabalho?

CYRINO – Gabriel, eu me sinto privilegiada de ter feito parte de um grupo de sintaticistas que iniciou pesquisas diacrônicas sobre o português brasileiro dentro da perspectiva gerativista. Esse grupo foi formado pelos alunos de pós-graduação orientados por Mary Kato, Fernando Tarallo e Charlotte Galves no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Foi um momento especial em que novas perspectivas de pesquisa se abriam para nós, plena de desafios, que aceitamos. Os desafios se estendiam desde o próprio quadro teórico até a busca de *corpora* para desenvolvermos nossas pesquisas. O tópico ao qual me dediquei, objetos nulos, era um assunto que já tinha captado a atenção de pesquisadores no estudo sincrônico do português brasileiro, mas, até então, tinha sido pouco (ou nada) explorado em termos diacrônicos. Minha ideia inicial para o doutorado era explorar a aquisição do objeto nulo, uma vez que meu mestrado tinha sido sobre a aquisição do sujeito nulo em L2. Porém, após um excelente curso sobre sintaxe diacrônica na perspectiva gerativista, ministrado por Fernando Tarallo e Mary Kato em preparação para a vinda de Ian Roberts no semestre seguinte, não tive dúvidas em investigar o fenômeno do

⁵ CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000.

⁶ CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de doutorado: Unicamp, 1994 (publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR).

ponto de vista diacrônico. As perguntas de pesquisa estavam muito claras e, a partir daí, iniciei uma trajetória de investigação que até hoje continuo a empreender. Em termos diacrônicos, parece que os estudos subsequentes à minha tese confirmam seus resultados. Em termos teóricos, no entanto, a categoria “objeto nulo” é ainda alvo de muitas investigações, pois se manifesta com diferentes propriedades em diversas línguas. Nesse sentido, é ainda um campo a explorar, e este número da **ReVEL** deve contribuir na elucidação de várias questões envolvidas no tema.

OTHERO – No que se diferem as gramáticas do PB e do português europeu (PE) quando o assunto é objeto nulo? Temos aí um indício de diferença sintática entre as gramáticas dessas duas variedades do português?

CYRINO – No ano 2000 iniciei uma colaboração com a profa. Gabriela Matos (Universidade de Lisboa), dentro de um projeto cujo objetivo era o estudo comparativo do português brasileiro e português europeu, organizado e dirigido por Mary Kato e João Peres. Começamos a investigar as diferenças entre as duas variedades do português em relação à possibilidade de elipse de VP. A partir daí investigamos outros fenômenos relacionados, como a realização da Anáfora de Complemento Nulo e pudemos constatar que há uma diferença sintática entre as línguas que se manifesta no movimento do verbo, que permite licenciamento de categorias vazias de forma distinta entre as variedades. Em relação ao objeto nulo, ficou claro para mim que o fenômeno do português europeu é diverso do que ocorre no português brasileiro. Na nossa língua, temos outras mudanças que contribuíram para o surgimento do nosso objeto nulo característico, entre elas, a perda dos clíticos de 3^a. pessoa e a perda do movimento longo do verbo. Em português europeu, essas mudanças não ocorreram e a existência do objeto nulo deve ser consequência de outras possibilidades da gramática (universal), possibilidades que também existem em outras línguas como o hebraico, turco, russo, chinês, japonês, coreano, quéchua, espanhol basco, entre outras, cada língua apresentando o objeto nulo com propriedades específicas e diferentes daquelas que caracterizam o objeto nulo do português brasileiro. Obviamente, objetos nulos permitidos universalmente e regidos por questões pragmáticas também existem no português brasileiro. Mas meu ponto é que, além desses, temos outro tipo de objeto nulo que não ocorre em outras línguas,

pois em nosso caso, trata-se da consequência de mudanças sintáticas que outras línguas não sofreram.

OTHERO – Sonia, o que podemos dizer sobre estatuto teórico dessa categoria vazia que é o objeto nulo? Ainda há divergência para saber se estamos diante de um *pro* ou de outro elemento vazio em português (PB e PE)? E nas demais línguas românicas, há algum consenso sobre como o objeto nulo se enquadra na tipologia das categorias vazias?

CYRINO – Como já mencionei acima, acredito que “objeto nulo” é um termo abrangente que pode designar uma série de fenômenos diferentes. Há línguas que apresentam o fenômeno “topic drop”, que tem características diferentes do objeto nulo típico do português brasileiro. Outras línguas permitem o objeto nulo como elipse (por exemplo, hebraico, turco), ou seja, uma construção semelhante àquela que proponho para o objeto nulo do português brasileiro. Porém, as propriedades do objeto nulo dessas línguas são diferentes, por exemplo, na questão do traço de animacidade do antecedente do objeto nulo: essas línguas permitem objetos nulos com antecedente animado, ao passo que os objetos nulos do português brasileiro não o permitem. Nesse sentido, o tema ainda suscita muitas investigações e há literatura recente discutindo essas questões.

OTHERO – O trabalho pioneiro de Fernando Tarallo⁷ constatou uma relação entre o aumento da frequência do objeto nulo e a diminuição de ocorrências de sujeito nulo em PB. Desde o trabalho de Tarallo, a que conclusão chegamos no estudo dessa relação entre sujeito nulo e pronominal *versus* objeto nulo e pronominal?

CYRINO – Mary Kato, Eugênia Duarte e eu escrevemos um artigo em 2000 em que investigamos essa correlação. De fato, essas duas mudanças ocorrem no português brasileiro, mas uma questão ainda em debate envolve o estatuto da categoria vazia

⁷ TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

em ambos os fenômenos. Nesse sentido, não creio que podemos chegar a alguma conclusão sobre o fator “categoria vazia pronominal” e a sua relação com a realização do sujeito ou do objeto no português brasileiro, uma vez que a própria definição de categoria vazia pronominal é ainda alvo de debates. O que podemos determinar é a relevância dos traços dos antecedentes para a realização ou não do sujeito e do objeto, e esse fato deveria contribuir para uma análise teórica mais profunda. No artigo em questão, baseamos nossos resultados na proposta de uma Hierarquia de Referencialidade seguida pela criança no processo de aquisição. Porém, o próprio estatuto de uma tal hierarquia dentro de uma proposta gerativista ainda é alvo de discussões.

OTHERO – Creio que os estudos gramaticais em PB avançaram muito nos últimos anos, devido, em grande parte, à boa capacidade de formação de novos pesquisadores e às publicações de fôlego de pesquisadores da tua geração, Sonia. Sobre o tema desta edição da ReVEL (“Pronomes e categorias vazias”), por exemplo, contamos com teus trabalhos pioneiros e influentes, além dos trabalhos de José Lemos Monteiro, Fernando Tarallo, Mary Kato, Sergio Menuzzi, Maria Eugenia Duarte, Maria Cristina Figueiredo Silva, entre outros. Além disso, vocês ajudaram a formar novas gerações de linguistas brasileiros. Nesse sentido, o que há ainda para desvendarmos, em PB, quando o assunto é “Pronomes e categorias vazias”? O que novos estudos podem revelar sobre a gramática do PB nesse sentido?

CYRINO – Como mencionado anteriormente, ainda muito estudos são bem-vindos para explicar o português brasileiro em relação às possibilidades de realização pronominal. Um dos temas ainda aguardando maiores esclarecimentos é a própria estrutura dos pronomes. A partir do trabalho seminal de Cardinaletti & Starke, algumas propostas foram feitas em relação aos pronomes tônicos do português brasileiro, mas o estatuto dos pronomes clíticos ainda existentes aguarda uma investigação mais profunda, uma vez que o seu comportamento tem sido comparado a uma manifestação de concordância. Quanto às categorias vazias, estudos que discutissem as suas várias manifestações, no intuito de desvendar as propriedades

que caracterizam as diferenças encontradas a depender da função desses elementos vazios, também seriam bem-vindos.

OTHERO – Sonia, normalmente, encerramos as entrevistas pedindo sugestões bibliográficas ao nosso entrevistado. Então, como uma autoridade na área, você poderia indicar para nossos leitores alguns textos influentes sobre o assunto “Pronomes e categorias vazias”, em especial textos que investiguem o PB e as demais línguas românicas?

CYRINO – Há muitos textos sobre o tema, e é difícil fazer uma indicação exaustiva. Todos os trabalhos de Mary Kato e Charlotte Galves versando sobre o tema são leitura obrigatória. Além desses, temos os trabalhos de Eugênia Duarte e seu grupo, os trabalhos de Sergio Menuzzi, Maria Cristina Figueiredo Silva, e outros pesquisadores brasileiros que se dedicaram ao tema. Além desses e mais recentemente, Gabriela Matos e eu escrevemos um capítulo sobre objetos nulos e elipse de VP no português brasileiro e europeu, publicado no *Handbook of Portuguese Linguistics*. Sobre a mudança diacrônica, teremos em breve o lançamento do volume VI da coleção História do Português Brasileiro, editada pela Contexto. Nesse volume, organizado por mim e por Maria Aparecida Torres Morais, há vários capítulos abordando a questão dos pronomes e categorias vazias do português brasileiro em sua perspectiva diacrônica, sob o ponto de vista gerativista. Também sob a perspectiva diacrônica, tivemos a recente re-edição do *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, organizado por Ian Roberts e Mary Kato e publicado pela Contexto e, em breve, teremos um segundo volume trazendo vários capítulos abordando o tema. Espero não ter deixado nenhuma referência importante fora desta breve apresentação, mas me coloco à disposição dos leitores para indicações de leitura mais específicas.